

# HOJE

COMUNICAÇÃO E IMPRENSA - SME

O ESTADO DE S. PAULO

ESCOLA NOVA

VEJA

JORNAL DO BRASIL

DIÁRIO POPULAR

Jornal da tarde

FOLHA DE S. PAULO

O GLOBO

ISTO É SENIOR

DCI

14 15  
-----  
LUNHO  
-----  
90

# Prefeitura faz alfabetização 'libertadora'

ANA ESTELA DE SOUSA PINTO

Da Reportagem Local

A Secretária Municipal de Educação de São Paulo implantou este ano um projeto inédito: um convênio com movimentos populares que recebem verbas da Prefeitura e alfabetizam adultos. O projeto, chamado de Mova (Movimento de Alfabetização de Jovens e Adultos de São Paulo), começou a funcionar em janeiro e tem hoje entre 15 mil e 17 mil estudantes. A meta é chegar a 60 mil educandos até o fim do ano — São Paulo tem hoje cerca de 1,2 milhão de analfabetos. A secretaria destinou ao projeto quase US\$ 10 milhões (Cr\$ 557 milhões, pelo câmbio livre), incluídos no orçamento de 90 — escolhido pela Unesco como Ano Internacional da Alfabetização.

"Não somos meros repassadores de recursos", diz o coordenador-geral do Mova e assessor especial do secretário Paulo Freire, Moacir Gadotti, 48. Para receber a verba mensal de Cr\$ 19.642,25 (em junho) por sala de aula, a entidade precisa indicar alfabetizadores que vão participar de um curso de 30 horas dado pela secretaria. Depois disso, monitores e supervisores dos movimentos populares continuam se reunindo com a equipe central do Mova, que dá orientação pedagógica e discute os problemas encontrados na alfabetização.

A questão mais polêmica do novo projeto é política: segundo os boletins do Mova, a entidade candidata a convênio deve desenvolver trabalhos dentro da concepção político-pedagógica libertadora". A coordenadora Maria Alice de Paula Santos, 34, diz, por exemplo, que o método pedagógico desenvolvido por Paulo Freire é base dessa "concepção libertadora" e que os alunos precisam ser conscientizados de sua condição social. "Se não houver engajamento, militância política, vira uma alfabetização como outra qualquer."

Já Gadotti diz que o Mova não faz triagem ideológica nem obriga os movimentos a seguirem uma metodologia. Segundo ele, só não são aceitas entidades "anticientíficas, que queiram ensinar a partir das letras do alfabeto".

## Juma aprende com sílabas

Da Reportagem Local

Na novela "Pantanal", da rede Manchete, o personagem Jove alfabetizou sua namorada, Juma Marruá. Seguindo um método parecido com o de Paulo Freire, ela usou sílabas que aprendeu com os dois nomes para escrever as frases "Juma ama Jove. Se Jove vai, Juma morre".

O coordenador-geral Moacir Gadotti acha que esse é um exemplo de como os meios de comunicação poderiam ajudar o Mova, divulgando a alfabetização a um público maior.

Ele diz que saber ler e escrever "liberta" o homem.

A menção a uma proposta político-libertadora soa "ideologizada" para a deputada estadual Guiomar de Mello (PSDB-SP), 47, ex-secretária da Educação. Ela acha que deveriam ser usados critérios como competência para avaliar as entidades. "O processo de alfabetização facilita a tomada de consciência, mas não pode ser usado como pretexto para conscientizar." Ela teme que o Mova seja usado como "aparelho político-partidário".

Gadotti afirma estar "preocupado" com uma possível associação do Mova a um "aparelho" da Prefeitura petista. Ele afirma que as eleições deste ano devem ser discutidas nas salas de aula, mas que a secretaria vai ficar "atenta para que não haja propaganda partidária". "Uma coisa é formar consciência, outra é doutrinar", afirma.

De qualquer forma, a mobilização dos integrantes do Mova deve ser uma das causas de seu sucesso, segundo o secretário-geral do Centro Ecumênico de Documentação e Informação, Paulo Haddad, 49. Mas ele afirma que esse engajamento não substitui a formação pedagógica: "Sem formação técnica dos monitores, o projeto corre o risco de naufragar".

# Experiência do Mobral foi um fracasso

Da Reportagem Local

Antes da criação do Mova, as entidades de São Paulo que alfabetizavam adultos recebiam verbas da Fundação Educar, hoje extinta. A Educar atuava em todo o país e surgiu em 85 para substituir o Mobral (Movimento Brasileiro de Alfabetização).

O Mobral atuou de 1970 a 80. Em 70, havia 18,146 milhões de adultos analfabetos. Em 79, o órgão afirmou que a taxa de analfabetos tinha caído a 11%, mas o censo de 1980 revelou que ela era de 20%. O número de adultos analfabetos tinha aumentado para 18,3 milhões.

A repercussão do fracasso do Mobral determinou sua extinção, e a maior crítica feita ao programa foi a forma de pagamento dos professores: eles recebiam de acordo com o número de matriculados por classe, o que resultava na diplomação rápida de pessoas que só sabiam assinar o nome.

Quando a Educar foi criada, o país tinha 17,284 milhões de adultos analfabetos. A fundação, extinta pelo governo Collor, adotava oficialmente o método Paulo Freire.

Na opinião do pedagogo Sérgio Haddad, a Educar só usou o "esqueleto" do método, mas atuou de forma contrária às idéias de Freire. Como exemplo de prática errada, Haddad cita uma cartilha usada em Manaus. Feita no Rio, ela trazia a palavra "foguete", com o desenho de uma nave espacial. "Mas foguete, em Manaus, é rojão", diz. (AESP)

## Extinção da Educar prejudica empresas

Da Reportagem Local

Com a extinção da Fundação Educar (leia texto acima), 40 empresas de São Paulo não podem dar certificados de alfabetização a seus empregados, segundo Sueli Zveibl, 33, da construtora Amafi. Segundo ela, há quase mil trabalhadores que estudavam nas próprias empresas com material e apoio técnico da Educar.

"Os projetos do Mova não se encaixam no que nós queremos", diz Zveibl. Ela quer que a delegacia do MEC em São Paulo forneça os certificados. O delegado regional do MEC, Nelson Boni, disse que o ministério deve lançar em julho um programa de alfabetização, que inclui os convênios firmados com a Educar. (AESP)